

CONCEITO DE REVOLUÇÃO NO IDEÁRIO DE NELSON WERNECK SODRÉ NOS ANOS DE 1950: UMA INTERPRETAÇÃO DO SUBDESENVOLVIMENTO BRASILEIRO

Data de aceite: 01/09/2023

Neilaine Ramos Rocha de Lima

Universidade Estadual de Maringá-
Departamento de História- Ivaiporã Pr
<http://lattes.cnpq.br/7939358433295626>

Vitor Emanuel Espiasse Pandolpho

<http://lattes.cnpq.br/8956605693568736>

Nayana Inamorato Silva

Universidade Estadual de Maringá-
Departamento de História- Ivaiporã Pr

RESUMO: O presente trabalho buscou compreender o contexto da década de 1950 no Brasil, onde diversas correntes de pensamentos políticos, se destacaram em debates acerca de um projeto político nacional. Entre elas observamos os seguintes ideários: nacional-desenvolvimentismo, liberalismo e socialismo. Um conceito que se destaca nesses debates, foi o conceito de Revolução, e um intelectual que discutiu esse conceito como elementar para a sua proposta de projeto político nacional foi o intelectual e militar Nelson Werneck Sodré, o qual foi membro atuante do Partido Comunista Brasileiro. Em suas ideias o conceito de Revolução estava ligado com o sentido da busca pela instauração no Brasil

de uma Revolução Burguesa de caráter antifeudal, antiimperialista e democrático, fazendo com que fosse superado o passado colonial, com a finalidade da nação tornasse desenvolvida, e desse modo empregasse o socialismo. Portanto, a ideia central de Revolução para o intelectual estava associada ao desenvolvimento econômico da nação, a fim de fazê-lo dependente em um contexto mundial, libertando assim o Brasil das forças que causaram o seu atraso. A história dos conceitos, através da abordagem teórica do historiador R. Koselleck foi base teórica e metodológica para que pudéssemos analisar o conceito de Revolução do intelectual em questão, principalmente na obra *Introdução à Revolução Brasileira*, fonte principal para esse trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Nelson Werneck Sodré; Revolução; Conceito; Intelectual; Ideias.

CONCEPT OF REVOLUTION IN NELSON WERNECK SODRÉ'S IDEALS IN THE 1950'S: AN INTERPRETATION OF BRAZILIAN UNDERDEVELOPMENT

ABSTRACT: The present work sought to

understand the context of the 1950s in Brazil, where several currents of political thought stood out in debates about a national political project. Among them we observe the following ideals: national-developmentalism, liberalism and socialism. A concept that stands out in these debates was the concept of Revolution, and an intellectual who discussed this concept as essential for his proposal for a national political project was the intellectual and military man Nelson Werneck Sodré, who was an active member of the Brazilian Communist Party. In his ideas, the concept of Revolution was linked to the search for the establishment in Brazil of a Bourgeois Revolution of an anti-feudal, anti-imperialist and democratic nature, causing the colonial past to be overcome, with the purpose of the nation becoming developed, and thus employing socialism. Therefore, the central idea of the Revolution for the intellectual was associated with the economic development of the nation, in order to make it dependent on a world context, thus freeing Brazil from the forces that caused its backwardness. The history of concepts, through the theoretical approach of historian R. Koselleck, was the theoretical and methodological basis for us to analyze the concept of Revolution of the intellectual in question, mainly in the book *Introduction to the Brazilian Revolution*, the main source for this work.

KEYWORDS: Nelson Werneck Sodré; Revolution; Concept; Intellectual; Ideas.

O CONCEITO DE REVOLUÇÃO E SUAS RAÍZES

Nelson Werneck Sodré, foi um militar e intelectual marxista brasileiro, que desenvolveu no Brasil uma produção significativa de obras que auxiliam a historiografia nacional. Além disso, é um importante intelectual de dois grupos que exercem significativa influência em sua carreira, o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e o Partido Comunista Brasileiro (PCB), o qual participou ativamente durante sua vida, e lhes forneceram subsídios teóricos para desenvolverem na década de 1950 o seu conceito de Revolução.

Cabe ressaltar que concebemos Nelson Werneck Sodré como um intelectual. A acepção de intelectual não é unívoca, é polissêmica. Duas dessas acepções são muito utilizadas, conforme Sirinelli (2003, p. 242): “Estas podem desembocar em duas acepções do intelectual, uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os ‘mediadores’ culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento [...]”. Sendo assim, Sodré se coloca no cenário brasileiro, como um criador de soluções e teorias, de um plano para o desenvolvimento nacional, e se engaja nessa teoria a partir da participação ativa na elaboração de planos em discussões em diferentes cenários de ação política, nos grupos de pesquisa ou no próprio partido.

É importante ressaltarmos que há poucos estudos acerca do pensamento de Nelson Werneck Sodré dentro das universidades, o que pode ser explicado por ser um historiador ainda muito marginalizado dentro dos meios acadêmicos, como apontou Vianna (2004), o general era um autodidata, no qual sofreu certas represálias, pois de fato não possuía um diploma acadêmico para ser chamado de historiador, o que também não tira dele todos seus méritos enquanto um estudioso promissor de seu tempo.

Analisar o conceito de Revolução de Sodré é possível a partir do método da história das ideias, defendido por Q. Skinner (2017) que propôs a compreensão de um conjunto de ideias de um determinado autor dentro de seu contexto histórico, e de seu espaço de sociabilidade intelectual. Com isso, as ideias são fruto de inúmeros elementos, e parte deles serão fundamentais para a compreensão do conceito de Revolução, que carrega não só um ideário, mas uma visão acerca do passado e do futuro, como defendia R. Koselleck (2015). Sendo assim, nosso estudo é uma articulação entre esses três caminhos teóricos, que nos serviram de ferramentas importantes para a compreensão de nosso problema central, os conceitos, as ideias e o intelectual.

Durante a década de 1950, o general buscou responder a seguinte questão “por que o Brasil não se desenvolveu?”, e para chegar às suas conclusões, ele desenvolveu a ideia de Revolução Brasileira, que por sua vez levaria o Brasil rumo ao desenvolvimento, dando origem a uma nova interpretação de nossa história.

Essa era uma das principais questões dos debates intelectuais naquele contexto, liberais, socialistas e desenvolvimentistas, cada um em seu cenário teórico buscavam um caminho de superação do atraso econômico brasileiro, a partir de um projeto político e econômico que levaria a nação ao desenvolvimento esperado. (LIMA, 2020).

O conceito de Revolução de Sodré em seu contexto

O conceito de Revolução analisado no presente trabalho tem o papel fundamental de auxiliar na compreensão do pensamento da esquerda na década de 1950 no Brasil, a partir da análise da obra *Introdução a Revolução Brasileira* de Nelson Werneck Sodré (1958), e assim compreender também todo o ideário que o cerca durante o presente contexto, principalmente a influência do pensamento desenvolvimentista em suas ideias, demonstrando como foi possível o casamento do marxismo e desenvolvimentismo na concepção de vários projetos e ideais da esquerda no Brasil.

De acordo com Koselleck (2015), o conceito de revolução obteve ao longo dos séculos diferentes definições, desde um movimento cíclico até mesmo uma mudança radical na estrutura da sociedade, como ocorreu na Revolução Francesa, portanto pode-se afirmar que é um conceito polissêmico, pois há vários sentidos que a definem.

Desse modo, o marxismo durante muitos momentos concebeu suas modificações e apropriações, isto é, a ideia desenvolvida por Marx em 1816, não foi a mesma ideia empregada em outras nações do mundo ao decorrer dos anos. Portanto, marxismo lido e interpretada na URSS era diferente do marxismo chinês, e mais ainda do marxismo brasileiro. Pois, cada uma das nações acima citadas possui suas particularidades e formas de leitura de acordo com a realidade e contexto em que estão inseridos, e não são parecidas com o contexto da Alemanha da visão de Marx, o marxismo foi apropriado por cada contexto.

Assim, a teoria que se desenvolveu no Brasil não era o marxismo alemão, mas sim o marxismo leninista soviético (REIS, 2014), difundida pelo líder Bolchevique durante a Revolução Russa em 1917, em que suas ideias se baseiam em uma luta anti-imperialista e antifeudal. Essas causas se encaixavam com as lutas de um país com sua economia ainda agrária e dependente do capital externo.

Em razão disso, a leitura desse novo marxismo difundido durante o século XX, a qual observa “[...] o marxismo como umas práxis de classe revolucionária voltada fundamentalmente para a tomada de poder para e pelo proletário” (BOTTOMORE, p.213, 2001), e que buscava enxergar nos países semicoloniais, ou subdesenvolvidos o papel do campesinato como um dos pilares para que ocorresse a revolução socialista, no qual as ideias revolucionárias deveriam ser difundidas pela vanguarda do partido comunista.

No período em que Lênin tornou-se um dos maiores líderes socialistas do mundo, quando enxergou os problemas do imperialismo e dos resquícios feudais como elementos a serem combatidos, fundamentando teorias associadas ao Partido Social-Democrata Alemão, ao qual acreditava que a revolução não era mais a soluções viável para que ocorresse a implementação do socialismo na sociedade, mas que seriam necessárias as chamadas reformas, sem a necessidade direta de uma luta armada.

Sendo assim, o conceito de Revolução para Sodré (1958) também estava fortemente atrelado ao Partido Comunista Brasileiro, onde o intelectual participou ativamente, e buscou desenvolver ideias teóricas que explicassem o Brasil de alguma forma.

Por esse motivo, é preciso ressaltar que o general estava implantado em uma esquerda brasileira no período pré-golpe de 1964, e pioneira do marxismo (REIS,2014) na qual fomentava-se ideias sobre a chamada revolução brasileira, a qual tinha como principais características ser uma “revolução antiimperialista, antifeudal, nacional e democrática” (REIS, p.13, 2014).

Cabe ainda salientar que, a ideia difundida tanto pelo PCB quanto por Sodré, estava cercada pelo novo objetivo de uma luta pacífica, sendo totalmente oposta ao que havia sido empregado por Lênin na Rússia soviética, causou uma aversão aos militantes de esquerda na derrota em 1964, uma vez que afastaram as classes operárias do protagonismo da luta de classes, dando esse lugar a burguesia nacional.

Nesse contexto, de acordo com essa nova perspectiva que surge, o PCB assume a posição de que as lutas armadas não seriam o meio que conduziram a Revolução e escolheriam a forma reformista, uma revolução com um conceito de reforma. E, assim, Sodré buscou em sua obra Revolução Brasileira, apresentar as formas com que o Brasil poderia superar o seu passado colonial, para que assim pudesse chegar ao socialismo.

Diante disso, o contexto brasileiro década de 1950 é marcada por diversos acontecimentos que tendem a levar o país rumo a industrialização e modernização, ocorrem mudanças na economia, política e até mesmo na cultura nacional, elementos que não cabem aqui nos aprofundarmos, mas que ressaltam um momento de mudanças importantes

no cenário político econômico brasileiro, amplamente discutido pela historiografia em geral.

O conceito de Revolução de Sodr e e o nacional-desenvolvimentismo

Um elemento importante para nossa discussão, que est a no cenário histórico de nosso objeto de pesquisa   o chamado desenvolvimentismo, uma teoria econ mica desenvolvida desde a década de 1940, por diferentes economistas, em que nomes como Roberto Simonsen, e mais tarde Celso Furtado e os intelectuais do ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), representaram o corpo desse pensamento no Brasil. O nacional desenvolvimentismo nas palavras de um dos grandes historiadores e estudiosos do tema seria uma “ideologia econ mica de sustentac o do projeto de industrializac o integral, considerada como forma de superar o atraso e pobreza dos brasileiros” (BIELCHOWSKY, p. 77, 2000). Essa ideologia, que surge de movimentos existentes em diferentes partes da América Latina, principalmente com a CEPAL (Comissão de Estudos Econ micos para América Latina), também influenciou a leitura e interpreta o do marxismo na América Latina, principalmente na ala nacionalista.

A partir da morte de Getúlio Vargas houve a ascensão do grupo político da União Democrática Nacional (UDN) com apoio de Carlos Lacerda para chegar ao poder, visto que a ala conservadora da política brasileira queria de fato colocar fim no legado que havia sido deixado por Vargas e fazer com que os militares chegassem ao poder. Porém existiu dois partidos políticos que formaram uma aliança para que a memória do falecido presidente pudesse continuar viva, como aponta Schwarcz e Starling (2018), esse movimento apoiou a candidatura do político mineiro Juscelino Kubitschek (JK) como presidente e João Goulart como vice.

Desse modo, ao final da elei o e a vitória de JK, ocasionou também na resistência da aceita o da elei o por parte do udenistas, que por sua vez alegavam que a elei o era “il g tima, uma vez que a candidatura não obteve a maioria dos votos” (SCHWARCZ; STARLING, p. 413, 2018), onde apontavam os primeiros resquícios do que parte da historiografia chamou de um golpe político.

No momento quando JK assume o poder em 1956, ele buscou manter uma boa aliança com todos os grupos sociais, para que pudesse articular ainda melhor a sua grande evolu o da sociedade brasileira, o plano de metas. Foi com o plano de metas que o presidente prometeu desenvolver o Brasil “50 anos em 5”, isto  , o modernizando e industrializando, provocando no cenário nacional uma definitiva mudança, trazendo novos bens de consumo, tais como eletrodomésticos modernos, máquinas de lava, ventilador portátil, no vestuário como tecidos de polímero, náilon, e até mesmo desenvolvendo carro com 50% das peças nacionais, o DKW-Vemag.

De acordo com Sodr e (1958), no século XX aparece no Brasil novas técnicas de produ o. “São técnicas destinadas também a afetar o padrão de vida, pela introdu o

de utilidades e mesmo de diversões que antes eram desconhecidas ou praticamente reduzidas” (SODRÉ, p.99, 1958).

Sendo assim, é com a criação do Plano de Metas, que temos a presença do Sodré, uma vez que o ISEB teve seu grupo de intelectuais próximos da presidência, levando em consideração que o JK tinha como objetivo fazer provar que era possível criar um modelo de Brasil moderno longe dos moldes norte-americano. (SCHWARCZ; STARLING, p. 417, 2018)

Por certo, não se pode descartar a ideia de que Sodré também foi influenciado pela perspectiva desenvolvimentista, principalmente pela sub ala dos nacionalistas, que buscavam pensar sobre questões relacionadas ao mundo social, como fome, pobreza, desemprego e miséria. E também, acreditavam que a industrialização seria a solução do problema histórico brasileiro, bem como consideravam que “a acumulação de capital dos setores estratégicos não podia guardar a iniciativa e o arbítrio do capital estrangeiro, necessitando do controle e comando interno dos agentes capitalistas nacionais” (BIELCHOWSKY, 2000).

Assim, um dos aspectos que Sodré faz apontamentos diante a Revolução Brasileira é sobre a questão econômica, ao qual JK e o seu economista Roberto Campos apoiavam a internacionalização, isto é, o capital internacional no país, e que Sodré e outros intelectuais da época criticavam. Na visão do intelectual o problema dos empréstimos de outros países no Brasil, acarretava dívidas externas, e essa situação já era uma realidade existente no país desde o período Imperial, a dependência do capital estrangeiro era um aspecto negativo. (SODRÉ, 1962).

Os capitais estrangeiros que se instalam em países como o Brasil não se integram na economia desses países, pelas suas próprias características. Eles consideram o lucro o que é ou pode ser representado em moeda do país onde são investidos, mas tão-somente o que é ou pode ser representado em moeda do país de origem, e é assim, a possibilidade de remeter lucros e mobilizar por esse meio os seus haveres internacionalmente a condição essencial de inversão. Por isso é que são estrangeiros, e não pela sua condição de origem nacional. (SODRÉ, p. 371, 1962).

De maneira geral, a problemática acerca do capital estrangeiro se deu pela formação de monopólios, um dos sintomas da política imperialista. Ao qual, fizeram com que países como o Brasil, gastassem muito mais recursos do que poderiam se beneficiar dos investimentos, ocasionando uma dívida, dificultando o processo de industrialização nacional. (SODRÉ, 1962).

Por outro lado, JK com o anseio pela industrialização e a realização do seu plano de metas, facilitou a “entrada de capitais externos no país por meio de concessões de privilégios fiscais e econômicos, e aceitando depender de financiamentos internacionais para acelerar o crescimento industrial” (SCHWARCZ; STARLING, p. 422, 2018). Na ótica de Sodré (1962), esse cenário ocasionou no Brasil uma série de prejuízos, tais como o alto

índice de inflação, e dívidas externas, fazendo com que o Brasil regredisse em sua fase industrial capitalista.

E, como solução, para esse problema, seria o de lutar contra o imperialismo e a fomentação de investimento em indústrias nacionais, assim como ocorreu durante a Era Vargas.

Desse modo, o ideário sodreano sobre Revolução, tem como perspectiva nacionalista, uma ideologia formada no interior do ISEB, tendo em vista que esse ideário acreditava na força nacional para superar o subdesenvolvimento, e o nacionalismo como ferramenta fundamental para a autonomia, isto porque acreditava e de acordo com o intelectual “não existia razão pelo abstrato, e que o nacionalismo traduz uma verdade – a verdade do quadro histórico – e a verdade é concreta”. (SODRÉ, S/D).

Então, é nesse momento em que Sodré buscou explicar que o problema do Brasil era sua herança colonial, ou seja, o propósito era superar a velha ordem, o que gera uma subordinação no quadro do capitalismo internacional, e que se tem início na Revolução de 1930, segundo o Oliveira (2021). Assim, essa temática não é algo exclusivo do general, uma vez que tenha sido estudada por muitos historiadores como Caio Prado Júnior, após a deposição do ex-presidente João Goulart, e também por ser tema tratado pelo PCB. Certamente para o general Sodré a Revolução Brasileira se inicia com a chamada Revolução de 1930, na qual o presidente Washington Luís é deposto e impedindo a posse de Luís Carlos Prestes, originando assim um golpe de Estado.

A questão do passado colonial, como ponto de partida para a explicação do atraso é tema de inúmeros intelectuais, que munidos de um pensamento histórico estruturalista, fundamentaram a necessidade de uma intervenção direta do Estado para alterar os caminhos que o passado orquestrava até então, essa concepção foi amplamente defendida pelos desenvolvimentistas, por exemplo por um dos seus grandes nomes, o economista Celso Furtado, como mostrou Lima (2020). Portanto a reparação histórica deveria ser feita, e uma revolução seria necessária para tal fim.

Outra importante questão que Sodré tratou na Revolução Brasileira, é sobre a luta antifeudal, uma proposta criada também pelo PCB, ao qual estava ligado as ideias de Lênin, procuraram identificar as “relações de produções semifeudais, ou pré-capitalistas na estrutura econômica social brasileira. (REIS, p.151, 2014)

Esse pensamento que se apoia no argumento de que o Brasil possuía resquícios feudais se constrói após a fundamentação da teoria marxista, em que para que um país pudesse chegar de fato ao comunismo, era necessário superar a sua herança feudal, uma vez que esse regime era visto como retrógrado, uma vez que a burguesia tenha surgido da sua ruína. (MARX, ENGELS, 1997). Embora seja ainda uma teoria muito criticada por outros intelectuais, os quais não creem que possa ter existido um feudalismo em território nacional, tais como Caio Prado Jr, esse argumento percebido no ideário de Sodré e em seu conceito de Revolução.

Contudo, para ele o Brasil passou por um regime feudal, pois o que existiu no território da América Portuguesa era um regime servil, na qual desde o regime de feitoria instaurado, existe um grupo que oferece sua mão de obra. E onde existia um regime feudal, não era um Portugal, isso o general reconhece, pois ele já se encontrava em uma sociedade moderna e capitalista, mas sim nas capitanias hereditárias brasileiras, onde o Brasil instaura o latifúndio. (SODRÉ, 1958).

Em virtude disso, a propriedade da terra, fora sempre uma condição que elaborou o surgimento das distinções de classe na colônia, e assim emergem as primeiras figuras e novas fortunas no Brasil, no qual a criação de lavouras poderia ser entendida como um feudo, onde se tem a existência das relações feudais, e os grandes proprietários de terras eram os senhores. (SODRÉ, 1958)

E, para que pudesse ser efetivo o trabalho nas lavouras, o regime de trabalho era feito pela escravidão servil, no qual pode ser atestado como um dos motivos para que o Brasil tivesse sido palco em algum momento da História para o feudalismo, uma vez que ocorreram as mudanças no modo de produção brasileiro.

Assim, cabe ressaltar que, para Sodré, o feudalismo no Brasil não se deu como na Europa. Porém, na historiografia ainda   muito discutido o que de fato seja o feudalismo, existem muitas explica es, tornado o tema bastante complexo, por exemplo para o economista Celso Furtado defende que o feudalismo no Brasil se concretiza pela forma o do complexo nordestino, segundo a visão marxista o que não se encaixa no escravismo e nem no capitalismo seria o feudal.

Contudo, o processo revolucionário não tinha como perspectiva a instaura o de um socialismo/comunismo de início, pelo contrário, era preciso que tivesse uma revolu o burguesa, a qual colocaria fim no regime feudal/colonial a qual o Brasil se encontrara, instauraria o capitalismo, ou seja, desenvolveria a indústria nacional para que assim ele pudesse ser desenvolvido e desgastado para iniciar o processo.

Uma Revolu o Burguesa

Um dos pontos mais ressaltados por Sodré,   a chamada revolu o burguesa, que segundo o próprio pensador, pode ser definida da seguinte maneira como uma "liquida o das velhas forças de produ o, e a substitui o pela rela o capitalista" (SODRÉ, p.433, 2004). E, também a presença da burguesia nacional nesse processo de revolu o.

E, de acordo com Sodré (1958), era preciso fazer um resgate histórico de como a burguesia tem sua origem no Brasil, o que para ele a ascensão da burguesia acontece de diferentes formas no mundo, isto  , a maneira que burguesia surgiu no Brasil se difere da Europa, pois cada na o tem seus processos históricos singulares. Com isso, para explicar a burguesia brasileira, ele fixa o seu olhar para Portugal do século XV, no qual passa pelo exitoso período das Grandes Navega es, e que o que fez com que tivesse êxito

nessa empresa, não fora a sua predestinação, mas sim o seu grupo mercantil, ou seja, a burguesia já tinha um papel importante na sociedade.

Outro fator a ser ressaltado, é que Sodré determinou uma condição especial para a burguesia, tendo em vista que para ele tem um papel fundamental na revolução brasileira, isto é, o papel da burguesia a instauração do capitalismo no território, a qual ele se dedica traçar seus pontos.

Werneck Sodré (1958) acreditava que essa revolução teria na direção a burguesia nacional, porém ele não acreditava que ela seria uma classe social. Pois, no contexto daquele período que dividia as ideias dos intelectuais brasileiros, tendo em vista que ambas tinham a visão de um desenvolvimento para o Brasil, porém com bases diferentes. A primeira seria os nacionalistas nos quais acreditavam no desenvolvimento do país de maneira independente aliados burguesia nacional, onde estaria associada à classe média e as classes populares. E a segunda, diz respeito aos desenvolvimentistas, nos quais estariam com a crença no desenvolvimento local, porém com o apoio do capital internacional.

Assim, para o desenvolvimento da Revolução Brasileira, o PCB afirmava que era necessário:

Conseguir alianças com a burguesia nacional, para combater os resquícios feudais, presentes na economia brasileira, principalmente aquela que se baseava no latifúndio, que era a chave na articulação do imperialismo. (PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO, p.71, s/d)

Tendo em vista que no contexto brasileira, o proletário e os burgueses não estavam mais em papéis opostos dentro da sociedade, uma vez que a classe operária estava também se beneficiando os feitos do capitalismo, por exemplo utilizavam os novos meios de consumo criados durante a década de 1950, e já não existia a sociedade em que Marx idealizou na Alemanha, onde o proletário e o a burguesia eram forças antagônicas dentro da sociedade, e lutavam por interesses diferentes.

Na ideia desenvolvida por Sodré, a burguesia nacional tinha importante papel no processo revolucionário, visto que ela é “composta pelos industriais, comerciantes, banqueiros e capitalistas agrícolas (...), repartida entre alta e média” (SODRÉ, p.443, 1962), ou seja, ela tem como função desenvolver o capitalismo, uma das fases que antecedem o socialismo.

Desse modo, o proletário ao qual era composto também pelo campesinato, semiproletário dos países coloniais como o Brasil era frágil, assim como a burguesia, portanto deveriam se unir e lutar contra as forças feudais que estavam estreitamente ligadas ao imperialismo (SODRÉ, 1962). Dessa maneira, para que a sociedade brasileira chegasse ao socialismo, precisaria passar por suas etapas, e lutar pelo socialismo naquele período era fortalecer a ideia de uma industrialização capitalista, desenvolvimento de forças produtivas, democracia burguesa e acima de tudo a melhoria de vida dos trabalhadores. (REIS, 2014)

Ainda mais, o que Sodré buscou teorizar é a ideia de que estava surgindo no Brasil o conflito entre o velho e o novo, uma ideia que estava presente na corrente desenvolvimentista, onde dividem a sociedade em duas esferas, de um lado se encontrava a parte moderna e urbana e do outro o antiquado e rural, isto é, o que levou a uma sequência de avanços e modernização em que o país foi alcançando na década de 1950, foi alterando as relações de produção, de um lado estava a classe dos latifundiários, e de outro passou a emergir a burguesia nacional, dando origem a industrialização dentro da sociedade.

Por esse motivo, o intelectual marxista estava mais associado a um social democrata ao um radical de fato, uma vez que ele não apontou em sua obra uma revolução armada e violenta, mas sim um processo revolucionário a longo prazo, em que buscava uma transformação nas instituições, dentro da cultura, no exército, na economia e etc. Uma revolução que prevê a burguesia e o Estado como aliados a superação do atraso.

Desse modo, para Sodré a maior problemática do cenário brasileiro era o latifúndio, uma vez que ele atrasava o desenvolvimento do país, pois ele utiliza do Estado para atender suas expectativas e interesses particulares, e está fortemente atrelado ao imperialismo, assim remete o Brasil ao velho modo de produção feudal.

Com efeito, para que o Brasil de fato se desenvolvesse e implementasse o socialismo, o feudalismo passou a ser visto como uma das etapas anteriores ao capitalismo, para que assim o capitalismo pudesse substituir o trabalho servil dos escravos pelo trabalho de troca. Uma vez que o feudalismo estava atrelado ao latifúndio, e era visto como um problema da sociedade, e que ocasionava o subdesenvolvimento do país, uma vez que gerava no país o monopólio de terras, sendo considerado uma condição externa (SODRÉ, 1962)

Com isso, o conceito de Revolução para Sodré, estava em consonância com as ideias do PCB, partido esse que o mesmo era um integrante, e o qual durante os anos de 1954-1958, passou uma significativa mudança de perspectiva, a qual foi adotada a seguinte identidade política. A identidade política do PCB será marcada, a partir de então, pela ênfase na necessidade de eliminar o imperialismo e em segundo plano, eliminar o monopólio da terra. ” (BIELSCHOWSKY, 2000).

Com isso, Sodré em sua obra *Introdução à Revolução brasileira* (1958), não tinha como objetivo fazer um manual apontando o que a classe intelectual brasileira deveria seguir para realizar a tal revolução. Pelo contrário, o que o general propõe são análises de diferentes instituições, tais como as classes sociais, economia, cultura, exército e raça, que atestam toda a herança colonial, imperialista e agrária do Brasil.

Por esse motivo, o intelectual apontou o seu entendimento da Revolução da seguinte maneira:

Como Revolução Brasileira, entendemos um processo de transformação, que o nosso país atravessa, no sentido de superar as deficiências originadas de seu passado colonial e da ausência da revolução burguesa no seu desenvolvimento histórico (...) o mencionado processo tem como fundamento mínimo a manutenção e a ampliação do regime democrático, de um lado. E

a solução nacionalista dos problemas de exploração econômica das nossas riquezas, de outro. (SODRÉ, p.1, 1958).

De acordo com Bielschowsky (2000), a questão central da corrente socialista brasileira se deu por dois aspectos, sobre a luta anti-imperialista e a reforma agrária, ou seja, a luta contra o latifúndio, o monopólio das terras era uma das questões que Sodré tratava como uma condição interna para o desenvolvimento da economia brasileira e o imperialismo como uma condição externa.

Dessa forma, entende-se que o conceito de Revolução para Sodré está totalmente atrelado ao desenvolvimento da sociedade brasileira, não apenas no sentido econômico, mas em todas suas outras instituições, tal como a cultura, exército, uma vez que ele busca mostrar como a prática imperialista e os privilégios dos latifundiários interferem em outras questões dentro da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, ao analisar o conceito de Revolução em Sodré observamos que o foco do autor ao longo da década de 1950 era responder a seguinte questão: por que o Brasil ainda não se desenvolveu? Uma questão que muitos outros intelectuais daquele momento se faziam e debatiam suas supostas soluções e respostas para essa pergunta, e Nelson Werneck Sodré ao longo de sua trajetória de militância, como militar e intelectual elaborou uma resposta para essa indagação, uma resposta que nos ajuda a entender o passado, uma resposta que carrega passado, mas também que carrega parte do nosso presente, pois nos ajuda a entender parte da nossa cultura política como observamos no pressuposto de Ridenti (2003), elementos constituintes do DNA de grupos políticos existentes até os dias atuais.

Na visão de Sodré, como solução para o problema de subdesenvolvimento seria a Revolução Brasileira, ou seja, era necessária uma luta antifeudal, anti-imperialista, contra o latifúndio em parceria com a burguesia nacional classe trabalhadora brasileira e do Estado. Uma luta que não era mais entre as classes, mas entre países dominados e dominantes, desenvolvidos e subdesenvolvidos, uma revolução que possuía os aspectos de uma reforma que contava com o apoio de um Estado racional e intervencionista, disposto a dar as regras para o desenvolvimento do capitalismo nacional, e nortear o processo de industrialização brasileira tão defendido pelo ideário nacional-desenvolvimentista.

Sendo assim, ele fez o exercício de enxergar o passado presente e o futuro presente, isto é, realizou o exercício de analisar o processo de Revolução a partir do passado, analisando o passado colonial, e o futuro planejado a partir da sociedade de 1950 era a revolução, na qual, o Brasil teria que passar por essa Revolução para ter uma autonomia e desenvolver a Indústria Nacional, para que assim pudesse instaurar o socialismo dentro

da nação.

O passado presente, o passado colonial, estava no seu presente, era um passado ainda existente nos latifúndios, as permanências que persistiam era a crítica de Sodré e outros intelectuais naquele contexto. O futuro presente, como Koselleck (2015) nos direciona a pensar, um horizonte de expectativa, uma transformação necessária para que o futuro seja diferente fundamentado na esperança de independência do capital externo e desenvolvimento da indústria nacional, a perspectiva moderna de que racionalmente pela consciência do Estado ou partidos poderia se alcançar uma realidade melhor no futuro, o desenvolvimento, através das reformas. A reforma agrária e subsídios para a indústria nacional, eram atitudes concretas que o Estado deveria ter para a luta contra o antifeudalismo e o anti-imperialismo.

Em suma, duas correntes estruturalistas em suas essências, o socialismo marxista e o nacional-desenvolvimentista que no Brasil se casam em uma conveniente necessidade de respostas para a pergunta chave da primeira metade do século XX: por que o Brasil ainda não se desenvolveu? Desse casamento nasceu uma nova concepção de Revolução como forma de resposta a essa questão, que vimos ao longo dessa pesquisa com o intelectual Nelson Werneck Sodré, uma Revolução Reformista, que indica não só o pensamento de um intelectual, mas a tendência de grande parte da cultura política do Brasil no século XX. Sendo assim, um conceito é mais que uma palavra, pois ele carrega história, e nesse caso carrega parte da nossa história, de um passado presente, e ao mesmo tempo de uma perspectiva de futuro do presente daquele contexto. Um passado colonial que persistia em existir, que deveria ser superado, e um futuro presente, uma ânsia pela modernização, industrialização e dependência nacional. O desenvolvimento era o futuro que o Brasil e o brasileiros desejavam alcançar.

REFERÊNCIAS

BIELSCHOWSKY, Ricardo. **Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo**. 2ª edição, Rio de Janeiro. Editora Contraponto, 1995.

FERREIRA, Jorge, DELGADO, Lucilia de A.N. **O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. 8ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2017.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. 4 edição. Rio de Janeiro. Editora PUC RIO, 2015.

LIMA, Neilaine R. Rocha de. Conceitos, intelectuais, ideias: o entrelaçamento de diferentes dimensões do campo da História, no caso do debate entre Eugenio Gudin e Celson Furtado (1950-1964). **Revista História Debates e Tendências**, Passo Fundo, v.20, n.1, p. 70-87, JAN/ABR 2020.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. 2ed, Editorial Avante, Lisboa, 1997.

NETTO, J. P. **Nelson Werneck Sodré**: o general da História e da Cultura. 1 Edição. São Paulo. EDITORA Expressão Popular, 2011.

OLIVEIRA, E. R. **Nelson Werneck Sodré**: um historiador militar no ISEB e a gênese da teoria da revolução brasileira. Revista Princípios v. 40, n. 162, p. 115 - 138.

OLIVEIRA, Eder R. Entre a Reforma e a Revolução: O PCB e a Revolução Brasileira. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, 2017.

PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO. Um breve histórico do PCB. Disponível em <https://pcb.org.br/portal/docs/historia.html> .

REIS, José Carlos. **Identidades do Brasil**: de Varnhagen a FHC, 9ed, Editora FGV, 2014.

RIDENTI, Marcelo. Cultura e política: os anos de 1960-1970 e sua herança. IN: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs). **O Brasil Republicano**: o tempo da ditadura- regime militar e movimentos sociais em fins do século XX (Livro4). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SCHWARZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. **Brasil**: uma biografia, 2ed. Companhia das Letras, São Paulo, 2018.

SIRINELLI, Jean-François. **Os intelectuais**. IN: REMOND, Rene. Por uma obra política, 2 Edição, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2003.

SKINNER, Quentin. Significado e interpretação na História das Ideias. Tradução de Marcus Barbosa. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v.9, n.20, p.358-399, JAN./ABR. 2017.

SODRÉ, Nelson W. **Formação História do Brasil**, 14 edição, Rio de Janeiro, Editora Graphia, 2002.

SODRÉ, Nelson W. **Introdução à Revolução Brasileira**. 1 edição, Livraria José Olímpio, Rio de Janeiro, 1958.

SODRÉ, Nelson. **Memórias de um escritor**, vol.1, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1970.

SODRÉ, Nelson W. **Memórias de um soldado**, 1 edição, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira SA, 1967.

VIANNA, Marly de A. Gomes. **Nelson Werneck Sodré**: “subvertemos a história oficial”, Revista Novos Rumos, Ano 19, n.42, p.63-66, 2004.